

Quem são as mulheres mais retratadas nas edições da Revista do Rádio publicadas de 1948 a 1950¹

Valci Regina Mousquer ZUCULOTO²

Raphaella Xavier de Oliveira FERRO³

Danielly Cardoso ALVES⁴

Pedro Guerrazzi de SOUZA⁵

Lara Roberta Apolinário e SILVA⁶

Érica Maria ZUCCHI⁷

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

Este trabalho, no esforço de revisar a história do rádio no Brasil para incluir ou visibilizar a participação das profissionais mulheres, busca evidenciar e refletir a presença feminina na Revista do Rádio entre anos de 1948 a 1950, por meio da análise documental de 68 edições. Em continuidade a uma primeira identificação da forma de apresentação no periódico, a partir do recorte temporal (Zuculoto *et al.*, 2023) para esta fase do estudo, especifica-se, neste artigo, quais as mulheres que mais são retratadas pela revista no período. A seguir, elabora-se breves biografias de algumas, destacando a relação das mesmas com a história do rádio no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio; Mulheres; Revista do Rádio; História do Rádio no Brasil; Pioneiras.

O desenvolvimento da radiofonia no Brasil se deu com a contribuição feminina desde suas primeiras transmissões, contudo, é comum que essa participação não esteja indicada ou detalhada no registro histórico hegemônico sobre esse meio (Zuculoto; Betti, Farias, 2022). Há um esforço coletivo, hoje, empenhado por diferentes grupos de

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora de Graduação e Pós-Graduação em Jornalismo na UFSC. Doutora em Comunicação pela PUCRS. Pós-doutora pela ECO-UFRJ. Líder do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/UFSC/CNPq), email: valzuculoto@hotmail.com.

³ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC (Bolsista Capes). Mestra em Comunicação pela UFG, integrante do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/UFSC/CNPq), email: raphaelaferro@gmail.com.

⁴ Estudante de Graduação, 5º semestre do Curso de Jornalismo da UFSC, integrante do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/UFSC/CNPq), email: daniellycardoso.alv@gmail.com.

⁵ Estudante de Graduação, 5º semestre do Curso de Jornalismo da UFSC, integra o Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/UFSC/CNPq), email: pedroguerrazzi@gmail.com.

⁶ Estudante de Graduação, 4º semestre do Curso de Jornalismo da UFSC, membro do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/UFSC/CNPq), email: lara roberta apolinario@gmail.com.

⁷ Estudante de Graduação, 3º semestre do Curso de Jornalismo da UFSC, integra o Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/UFSC/CNPq), email: ericamariazucchi@gmail.com.

pesquisa no país para reduzir as lacunas na história tradicional e dar reconhecimento à efetiva presença de profissionais mulheres no rádio em diferentes períodos. São ações que partem da proposição da Pesquisa Nacional Coletiva “A História das Mulheres no Rádio Brasileiro: Revisão do Relato Histórico”, coordenada por Juliana Gobbi Betti e Valci Regina Mousquer Zuculoto (Betti; Zuculoto, 2021), que está em sua primeira fase, com foco nas investigações que abordem as pioneiras da radiofonia brasileira.

Com o objetivo de contribuir no âmbito dessa iniciativa, desenvolve-se esta pesquisa, também em curso, sobre as mulheres citadas em edições da Revista do Rádio. O periódico foi a primeira publicação especializada sobre o meio radiofônico. Lançado em 1948, circulou até 1970 com informações sobre as emissoras, suas programações, produtores, artistas, entre outros e outras profissionais. “No início era mensal, mas, em menos de um ano, começou a circular semanalmente, tirando em média, 50 mil exemplares” (Haussen; Bacchi, 2001, p. 2). Considerando o sucesso da revista à época e seu potencial documental para a investigação sobre as mulheres do rádio em diferentes períodos históricos, elaborou-se a proposição de buscar vestígios sobre essa parte da história do meio, muitas vezes ignorada: aquela contada a partir das figuras femininas que também a construíram.

Assim como indicado por Sonia Virgínia Moreira (2015), esta pesquisa se desenvolve tendo a análise documental como método e técnica, utilizando acervo impresso como fonte. Para tanto, considera-se o material disponibilizado de forma digital pela Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional⁸. Dessa forma, estão disponíveis 1.073 edições da Revista do Rádio para acesso livre intermediado pela internet. Em um primeiro momento, foram identificadas todas as vezes em que há nomes e/ou imagens de mulheres em edições da revista dos anos de 1948 a 1950 – um total de 68 revistas publicadas no período considerado o auge da Era de Ouro do rádio no Brasil (Zuculoto, 2012). As primeiras reflexões sobre esse material possibilitaram inferências sobre como as mulheres eram representadas no periódico nesse período, destacando-se o apelo erótico, a perspectiva de colonismo social, a crítica aos comportamentos das mulheres e a ênfase nas funções ligadas ao entretenimento (Zuculoto *et al.*, 2023). Resultados que foram expostos no Intercom Nacional de 2023.

⁸ Disponível em: <https://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/revista-radio/144428>. Acesso em: 27 jun. 2024.

Para o presente trabalho, avançando um pouco mais na análise, a atenção se volta especificamente para quem são essas mulheres, destacando os nomes das que mais foram retratadas na Revista do Rádio no período analisado. Assim, pretende-se indicar os nomes mais recorrentes e expor breves informações sobre participações e contribuições dessas figuras para a história da radiofonia brasileira. No total, foram verificadas 2.027 ocorrências, isto é, vezes em que alguma mulher pôde ser identificada em alguma das edições analisadas, seja em texto ou em imagem. O número não indica a quantidade de mulheres, porque há ocorrências em que há mais de uma pessoa listada, assim como muitos dos nomes citados aparecem muitas vezes em diferentes edições e mesmo em mais de uma página por edição.

Além disso, em 19 ocorrências está ausente a informação do nome da(s) figura(s) retratada(s). Nas restantes, é possível perceber que há grafias diferentes dos nomes de algumas das mulheres citadas, assim como referências a pessoas por um nome só, sem sobrenome, por exemplo, ou por apelido. Trata-se de algo que dificulta a identificação de quem são algumas delas. A função profissional exercida por elas não está indicada nos textos em 198 ocorrências e em quatro, a forma de descrevê-las é exclusivamente relacionada à função na família: mãe ou esposa. A maioria das mulheres retratadas é atriz e/ou cantora. O destaque às figuras do entretenimento se justifica pelo período a que se refere a análise: a Era de Ouro.

A Era de Ouro do rádio no Brasil se iniciou por volta de 1935, no período de consolidação do meio no país. Essa fase se encerrou em torno de 1955, quando a chegada da televisão às casas das pessoas alterou o contexto do consumo de veículos de comunicação da população. “O predomínio, nesta época, é de uma verdadeira “era do rádio espetáculo”, com os programas de auditório, os musicais, as radionovelas, num padrão de radiofonia “broadcast” ao estilo norte americano” (Zuculoto, 2012, p. 28-29). O destaque às cantoras do rádio é uma tônica desse período. Como analisa Pedro de Souza (2009), era uma forma que as mulheres tinham de se fazer escutar. “Neste âmbito é que emerge a cantora do rádio como a que dá testemunho das que, em nome do decoro feminino, devem permanecer caladas” (Souza, 2009, p. 141).

Mulheres do rádio brasileiro

Nas 2.027 ocorrências mapeadas, foi possível identificar nomes de aproximadamente 800 mulheres. Não estabeleceu-se uma quantidade exata justamente em decorrência das dificuldades indicadas: nomes com grafias diferentes e apelidos, assim como a ausência de identidades de algumas das mulheres presentes na revista, que podem alterar o resultado. Como recorte para ampliar a atenção às mulheres do rádio, inicialmente, identificou-se todas aquelas que foram retratadas pelo menos cinco vezes, cada, em algumas das 68 edições analisadas. Nesse momento, enumeramos 91 nomes de personalidades femininas que tiveram alguma recorrência de presença na Revista do Rádio no período pesquisado. Reduzindo um pouco mais para que seja possível nomeá-las, identificam-se 40 mulheres que foram retratadas mais de 10 vezes no período nas edições de 1948 a 1950.

As mais citadas nas edições dos anos de 1948 a 1950 são: Emilinha Borba (aparece em 39 ocorrências), Dircinha Batista (34), Linda Batista (31), Dalva de Oliveira (31) e Aracy de Almeida (30). Ainda tiveram recorrência: Marlene (26), Carmen Miranda (25), Bibi Ferreira (24) e Carmélia Alves (23). Destacam-se também os nomes de Beatriz Costa (18), Zezé Fonseca (17), Lourdinha Bittencourt (17), Elvira Pagã (17), Yara Sales (16), Wahyta Brasil (16), Sagramor de Scuvero (16), Odete Amaral (15), Isaurinha Garcia (15), Olivinha Carvalho (14), Marilena Alves (14), Aimée (14), Ademilde Fonseca (14), Stellinha Egg (13), Dora Lopes (13), Alba Regina (13), Mara Rubia (12), Lynea Braga (12), Ismênia dos Santos (12), Heleninha Costa (12), Eva Todor (12), Dulcina de Moraes (12), Aidée Miranda (12), Norca Smith (11), Maria do Carmo (11), Cecília Loureiro (11), Violeta Cavalcanti (10), Tina Vita (10), Talita Miranda (10), Neide Fraga (10) e Carmen Costa (10).

Dessa lista, apenas duas mulheres estão identificadas com atuação fora do âmbito artístico, reforçando essa característica da programação das rádios na época em que as edições analisadas foram publicadas. Cecília Loureiro é uma dessas duas, pois era jornalista, repórter da Revista do Rádio e autora de matérias, entrevistas e reportagens. Ela é apontada no periódico também como redatora e escritora. Caso semelhante é o de Lynea Braga, que também é escritora e jornalista, no que é indicado na revista em algumas ocorrências. Em 1950, há notas e matérias de Lynea que abordam inicialmente o cenário da radiofonia no Amazonas e depois temas mais gerais. Nos primeiros resultados desta pesquisa, foram destacadas duas reportagens dela, inclusive,

elaboradas sobre Lídia Bastiani e Elvira Pagã, destacando a forma física das artistas retratadas (Zuculoto *et al.*, 2023).

As mais citadas

Cantoras, radioatrizes, artistas, atrizes, sambista... Essas são algumas das funções exercidas pelas mulheres mais retratadas pela Revista do Rádio nos anos 1948, 1949 e 1950. Para reforçar o relato sobre as mulheres que tiveram destaque na Revista do Rádio entre 1948 e 1950, considerando a importância de sua atuação na história do meio no Brasil, destacam-se aqui alguns elementos biográficos de cinco profissionais do rádio daquela época: Emilinha Borba, Dircinha Batista, Linda Batista, Dalva de Oliveira e Aracy de Almeida. Cada uma delas foi citada pelo menos 30 vezes nas edições do periódico em questão analisadas para a elaboração deste artigo. As cinco ganharam grande visibilidade pela atuação como cantoras do rádio, tendo grande relevância para o meio e para a música brasileira principalmente a partir da década de 1940.

Emília Savana da Silva Borba (1923-2005) nasceu no Rio de Janeiro, onde também iniciou sua carreira, tanto musical quanto radiofônica. Emilinha Borba, como ficou conhecida, conquistou um prêmio na Rádio Cruzeiro do Sul quando ainda era adolescente, ao se apresentar no programa de Ary Barroso. De acordo com Ronaldo Aguiar (2007), ela teria recebido esse primeiro prêmio aos 14 anos, mas há outras referências que indicam que teria sido ainda antes: aos 11 anos, como indica Jaqueline Freitas (2013). Alguns anos depois, em 1944, foi contratada pela Rádio Nacional, em que permaneceu por 27 anos. Sua popularidade à época, segundo Aguiar (2007) esteve ligada ao Programa César de Alencar, que era transmitido para todo o país.

No repertório de Emilinha Borba ficaram marcadas marchinhas de carnaval, rumbas e sambas (Aguiar, 2007). Em 1957, se tornou a primeira cantora a gravar acompanhada pela bateria de uma escola de samba, ao cantar o samba enredo da Acadêmicos do Salgueiro (Freitas, 2013). Nas edições da Revista do Rádio analisadas para esta pesquisa, seu nome teve 39 menções. Em geral, as matérias tinham foco em sua carreira, aparência, vida amorosa e rivalidades com outras cantoras. A ideia do antagonismo com a cantora Marlene foi alimentado por fãs assim como pela imprensa desde a chegada desta à Rádio Nacional em que Emilinha atuava – e está presente em

algumas das revistas analisadas. “Marlene rompia com o moralismo conservador que era a bandeira levantada por Emilinha nesses tempos” (Freitas, 2013, p. 60).

Dirce Grandino de Oliveira (1922-1999) começou a se apresentar em programas de rádio aos 6 anos de idade, de acordo com Jaqueline Freitas (2013). Nas 34 menções identificadas na Revista do Rádio no período analisado, destacam-se as informações sobre sua vida pessoal e curiosidades, incluindo aspectos como sua aparência e casamento. Com carreira no rádio e no cinema, Dirce se tornou a segunda rainha em concurso que passou a ser realizado pela Associação Brasileira de Rádio (ABR) de forma bianual até o final da década de 1950, com disputas acirradas (Tavares, 1999). A primeira Rainha do Rádio, eleita em 1937, foi sua irmã, Linda Batista, que manteve o título por 11 anos. “As irmãs Batista deixaram sua marca na história do rádio. Ambas adaptaram-se com muita naturalidade ao meio artístico, pois era hábito dos pais receberem artistas em casa” (Freitas, 2013, p. 58).

Florinda Grandino de Oliveira (1919-1988) se interessou pelo rádio a partir da influência da irmã, Dirce, com quem formou o duo Irmãs Batista. Antes de se tornar rainha no meio radiofônico já era conhecida como “rainha das marchinhas” (Freitas, 2013). Também cantava sambas e escrevia letras de músicas. Além disso, teve seu próprio programa de rádio no início da década de 1950: “Coisinha Linda”, na Rádio Nacional (Borges, 2017). Nas edições da Revista do Rádio publicadas entre 1948 e 1950, há 31 menções a Linda Batista, com foco predominante em sua carreira e trabalhos. Em 12 aparições, o destaque é sua vida pessoal e curiosidades. “O auge de seu sucesso em apresentações e vendas de disco se deu nas décadas de 1940 e 50, tendo o período posterior sido de pouco destaque para ela”, afirma Paola Borges (2017, p. 15).

Vicentina de Paula Oliveira (1917-1972) viveu seu auge em período semelhante ao das Irmãs Batista. Dalva de Oliveira, como se tornou conhecida, teve sua carreira profissional muitas vezes ofuscada pela cobertura de sua vida pessoal, principalmente a respeito de seu relacionamento com o também cantor Herivelto Martins, com quem formou o Trio de Ouro no final da década de 1930 – que contava também com Nilo Chagas. “A pequena Vicentina, desde cedo, cantava com o pai, que, além de marceneiro, tocava clarinete e fazia serenatas. A morte do pai, contudo, provocou dificuldades para a família, que se transferiu para São Paulo, em busca de melhores condições de vida” (Aguar, 2007).

A cantora é mencionada 31 vezes nas edições da Revista do Rádio consideradas para esta pesquisa. A primeira delas, na edição 8, de 1948, há uma reportagem em que destaca-se que Dalva e Herivelto posaram para foto do periódico, junto com seus filhos, para desmentirem que teriam terminado o relacionamento e que o Trio de Ouro havia acabado. Apesar de aparecer na imagem, ela não comenta o assunto. Apenas o cantor é entrevistado para a matéria. Ela é ouvida na edição 29, de 1950, quando anuncia o fim do grupo musical e, já separada de Herivelto, que pretendia se desquitar do então marido.

Dalva e Herivelto estiveram casados por 10 anos e durante a separação, ambos travaram batalhas não apenas judiciais, mas também por meio de músicas e pela imprensa. As disputas se arrastaram por dois anos. “Acusações mútuas publicadas em páginas de jornal e revistas do rádio que acompanharam, ininterruptamente, toda a guerra judicial entre os artistas. O público participava integralmente dessa lavagem de roupa suja”, conforme Letícia Brandão (2019, p. 25). Parte dos maiores sucessos de Dalva e Herivelto foram compostos, cantados e rodados à exaustão nas emissoras durante a polêmica, constituindo uma “guerra em 78 rotações”, como Heron Vargas e Mozahir Salomão Bruck intitulam o episódio (Vargas; Bruck, 2021, p. 259).

Acusações, lamentos, declarações eram feitas por meio das músicas que ambos foram lançando em resposta um ao outro. O sensacionalismo marcou o acompanhamento da maioria da mídia da época ao caso e, muitas vezes, o tratamento dispensado a Dalva transparecia a tentativa de culpá-la pela separação. Um exemplo desta marca é a sessão especial “Porque abandonei Dalva de Oliveira”, do Diário da Noite, do Rio de Janeiro, criada justamente para a divulgação do caso, assinada pelo famoso e polêmico jornalista David Nasser, mas que era escrita a quatro mãos, junto com Herivelto Martins.

[...] no início dos anos 50, Herivelto Martins usou as páginas do jornal Diário da Noite, em parceria com David Nasser, para – nas palavras escritas pelos dois – compensar as injúrias que vinha sofrendo de parte da “ex-consorte”, Dalva de Oliveira, a quem chama de insaciável senhora, com 16 amantes, “Messalina do século XX” e progenitora desnaturada que “não soube respeitar o quarto dos próprios filhos”. A dualidade esposa-mãe é marca forte desse episódio precedido por uma guerra musical e marcado por 22 artigos publicados em uma sessão

especial: “Porque abandonei Dalva de Oliveira”. (Fonseca, 2014, p. 13)

Na guerra musical protagonizada por Dalva e Herivelto, destacam-se as canções *Tudo acabado* (Oswaldo Martins e J. Piedade, 1950) e *Errei, sim* (Araulfo Alves, 1950), interpretadas por ela. Compostas e cantadas por Herivelto Martins, são destaques *Caminho certo* (Herivelto Martins e David Nasser, 1950) e *Teu exemplo* (Herivelto Martins e David Nasser, 1950). A mídia penalizou Dalva, mas conforme avalia o crítico musical Mauro Ferreira (2017), foi ela a vitoriosa na “guerra” e por meio da qualidade musical. Em matéria publicada no G1 sobre o show “*Eu não posso lembrar que te amei – Dalva & Herivelto*”, apresentado em São Paulo em 2017, Mauro Ferreira analisa que o roteiro do espetáculo “deixa claro que a cantora venceu a disputa”, pois suas músicas têm “superioridade melódica e poética” em relação às compostas e cantadas por Herivelto, “com letras grosseiras”, tentando “(em vão) fazer o público ficar do lado” dele na “briga conjugal-musical”.

Em carreira solo, Dalva gravou 71 discos entre 1937 e 1970 (Borges, 2017). O repertório era mais romântico e lento, como boleros e tangos, diferente das artistas apresentadas anteriormente.

Aracy Telles de Almeida (1914-1988), reconhecida pioneira da música popular brasileira, também entou repertório sobre romance e separação, mas era do samba. Sua estreia ocorreu na Rádio Educadora, quando tinha 15 anos, incentivada pelo compositor Custódio de Mesquita e a despeito da resistência dos pais (Tesser, 2010). “Aracy de Almeida fez parte do cast de várias emissoras cariocas, entre elas Educadora e Cruzeiro do Sul. Ficou marcada como grande intérprete de Noel Rosa” (Tesser, 2010, p. 81). Por isso, muitas vezes a cantora é lembrada mais no que se relaciona ao compositor do que no que diz respeito a sua própria história.

A grafia de seu nome na Revista do Rádio, nas edições analisadas, varia de Arací a Araci a Aracy de Almeida. Ela aparece 30 vezes nas edições analisadas, com foco predominante em sua carreira e trabalhos. Em 13 dessas aparições, o destaque é sua vida pessoal e curiosidades. Há em algumas delas referências ao fato de a artista não ser considerada bonita, como na edição 29, de 1950. A matéria diz: “Araci de Almeida. Muitos a acham feia. Ela sabe que não é bonita. Mas haverá quem cante o nosso samba

melhor do que ela?” (Beleza..., 1950, p. 26). Além da estética divergente do que era socialmente esperado das mulheres à época, apesar de ser reconhecida por “dar voz ao sentimento feminino”, a cantora tinha também comportamento que recebia críticas e contribuiu para que houvesse resistência a seu nome (Souza; Prado, 2007).

Em 1970, Aracy explicou à Última Hora como funcionava o sistema da música nacional: “No rádio, eles faziam assim uma elite, eles formavam assim uma massa compacta de autores, por exemplo, para não me dar música. Ary Barroso, Assis Valente, Joubert de Carvalho, Lamartine Babo e Custódio Mesquita – essa gente não me dava música porque me achava um lixo, tá entendendo? Por causa dessa minha vida, desse meu modo de falar de coisas assim, eles não gostavam de mim, eles davam pra outras pessoas que fingiam talvez ser uma pessoa assim, tá entendendo? De maneira que quem acreditou em mim mesmo foi o Noel, que gostava desse meu gênio, me achava uma pessoa genial. Mas os outros não achavam, não. Entendeu? Aliás, o Noel tinha lá sua cuca bem fundida, sabe? Ele tava bom pra viver essa época agora, porque todo mundo tá louco, mas ele era também muito maluco. Maluco demais, xingava as pessoas, botava apelido”. (Souza; Prado, 2007, *on-line*)

Os autores, na reportagem da Revista Piauí, reforçam a questão estética de Aracy e o comportamento inadequado para o que se esperava de uma mulher à época. “Aracy de Almeida nunca foi bonita. Sempre com um palavrão cabeludo engatado na boca, gírias em escala industrial, não atraía muitos amantes” (Souza; Prado, 2007, *on-line*). A expectativa em relação a como ela deveria se portar para ter trabalho e amantes se relaciona aos *scripts* culturais (Zanello, 2018) mantidos pelas práticas sociais da época. O padrão do qual Aracy tanto se diferenciava muitas vezes era reforçado pelas rainhas do rádio na Era de Ouro, o que é percebido, inclusive, nas edições da Revista do Rádio analisadas no desenvolvimento desta pesquisa (Zuculoto *et. al.*, 2023).

Considerações

Neste artigo, foram elaborados, de forma breve e resumida, perfis biográficos de cinco artistas que têm grande relevância para a história da radiofonia brasileira. Para tanto, optou-se por cruzar as informações presentes nas matérias da Revista do Rádio, levantadas no desenvolvimento desta pesquisa, com dados recolhidos a partir de referências bibliográficas que já se debruçaram em pesquisas em que constam relatos

sobre as histórias dessas figuras. Acredita-se que, com o registro de nomes e experiências de mulheres, seja possível contribuir no processo de ampliação do reconhecimento da atuação feminina nesse meio de comunicação. É comum que a ausência no relato histórico tradicional limite as informações a que se tem acesso sobre mulheres pioneiras no rádio, não só no Brasil como no mundo.

Reforça-se a importância da atenção a todos os nomes. Por isso, destacamos mais nomes de mulheres que de alguma forma estavam relacionadas ao universo do rádio no período analisado. A partir desses, é possível identificar não só a necessidade de aprofundar a investigação a respeito de figuras já reconhecidas, mas também de se identificar as mulheres que foram totalmente ignoradas pelo relato histórico do percurso do meio no país. Por isso, a continuidade da pesquisa está em expor nomes e dados sobre essas mulheres, mesmo que ainda carecendo de detalhes, visando que novas investigações sejam elaboradas e mais figuras femininas possam ser incluídas e/ou reintegradas ao registro da história do rádio no Brasil: lugar em que sempre deveriam ter estado.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ronaldo Conde. **Almanaque da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

BELEZA não é documento. **Revista do Rádio**, edição 29, p. 26, 1950.

BETTI, Juliana Gobbi; ZUCULOTO, Valci. A história (das mulheres) do rádio no Brasil: uma proposta de revisão do relato histórico. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 13., 2021, Remoto. **Anais eletrônicos [...]**. Juiz de Fora: Alcar, 2021. v. 1, p. 1-12. Disponível em: https://redealcar.org/wp-content/uploads/2021/08/30_gt_historiadamidiasonora.pdf. Acesso em: 27 jun. 2024.

BORGES, Paola Giuliana. **Cantoras do rádio e mulheres** – um estudo sobre representações femininas no Brasil da década de 1950. 2017. 233 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2017.

BRANDÃO, Letícia de Oliveira Barbosa. **Ao Apagar das Luzes: A Relegada História de Dalva de Oliveira e Dolores Duran**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

FERREIRA, Mauro. Show teatral mostra que a música venceu a guerra de Dalva e Herivelto. **G1**, 27 jul, 2017. Disponível em <https://g1.globo.com/musica/blog/mauro-ferreira/post/show-teatral-mostra-que-musica-venceu-guerra-de-dalva-e-herivelto.html>. Acesso em: 07 out. 2024.

FONSECA, Mariane Carla. **Porque abandonei Dalva de Oliveira**: desconfiança, traição e desquite nas páginas de um jornal – do discurso à representação social e aos conflitos de gênero. Dissertação (Mestrado), Programa de Mestrado em Letras, Universidade Federal de São João Del-Rei. São João Del-Rei, MG, 2014.

FREITAS, Jaqueline Maria. **Rainhas do rádio e rainhas do lar: representações femininas na era do rádio**. 2013. 115 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Ciências Humanas) – Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades da Universidade do Grande Rio Prof. José de Souza, Rio de Janeiro, 2013.

HAUSSEN, Doris Fagundes; BACCHI, Camila Stefenon. A Revista do Rádio através de seus editoriais (década de 1950). In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Mato Grosso do Sul. **Anais eletrônicos [...]**. Campo Grande: Intercom, 2001. p. 1-10. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP6HAUSSEN.pdf>. Acesso em: 07 out. 2024.

SOUZA, Alexandre Barbosa; PRADO, Leonardo Silva. Aracy de Almeida, mulher do futuro. **Revista Piauí** (on-line). Edição 8. Mai. 2007. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/aracy-de-almeida-mulher-do-futuro/>. Acesso em: 07 out. 2024.

SOUZA, Pedro de. A propósito do corpo feminino na voz: a dor que se transmuta nas cantoras do rádio. In: TORNQUIST, Carmen Susana; COELHO, Clair Castilhos; LAGO, Mara Coelho de Souza; LISBOA, Teresa Kleba (org.). **Leituras de resistência**: corpo, violência e poder. Volume 1. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009. p.137-157.

TAVARES, Reynaldo Castilho. **Histórias que o rádio não contou**: do Galena ao Digital, desvendando a Radiodifusão no Brasil e no Mundo. 2. ed. São Paulo: Editora HARBRA, 1999.

TESSER, Tereza Cristina. **De passagem pelos nossos estúdios**: a presença feminina no início do rádio no Rio de Janeiro e São Paulo 1923-1943. Santos: Editora Universitária Leopoldianum, 2009.

VARGAS, Herom; BRUCK, Mozahir Salomão. Mídia, celebração e música popular: o caso de Dalva de Oliveira e Herivelto Martins. **RBHM - Revista Brasileira de História da Mídia**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 250-268, jan./jul. 2021.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer; BETTI, Juliana Gobbi; FARIAS, Karina Woehl de. Desafios epistemológicos da perspectiva de gênero nos estudos radiofônicos. In: **XVI CONGRESSO ALAIC 2022**, 2022, Buenos Aires - Argentina. XVI Congresso ALAIC 2022, 2022.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer; FERRO, Raphaela Xavier Oliveira; ALVES, Danielly Cardoso; SOUZA, Pedro Guerrazzi; SILVA, Lara Roberto Apolinário e; ZUCCHI, Érica Maria. As mulheres na Revista do Rádio entre 1948 e 1950: a presença feminina no auge da Era de Ouro. 2023. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 46., 2023, Minas Gerais. **Anais eletrônicos [...]**. São Paulo: Intercom, 2023. p. 1-14. Disponível em https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202323315064dd8696e2b28.pdf. Acesso em: 07 out. 2024.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar**: a história da notícia de rádio no Brasil. Florianópolis: Insular, 2012.